

## AQUILO DE QUE NÃO SE PODE FALAR

**DIOGO LIBERANO**

*Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura  
e Contemporaneidade | PUC-Rio*

A tristeza, para Spinoza, é todo tipo de paixão que diminui a nossa potência de agir. Imerso em tristeza, como continuar? Como se rodear de afetos que nos impulsionem à ação? Como interromper relações que sequestram a alegria de nosso fazer? Sobretudo, citando Peter Pál Pelbart, como aqueles que detêm o poder fazem questão de nos afetar de tristeza? Sinto – e sinto muito – que, em diversos contextos, a universidade brasileira tenha se tornado um terreno mais favorável à manutenção da tristeza do que da alegria, que a orientação de alunxs em programas de pós-graduação tenha se tornado, em diversos casos, um exercício autoritário da autoridade. Professores que não orientam alunxs, alunxs que não conseguem romper com a violência dessas relações, relações violentas que são vistas de modo eufemístico pelas instituições.

Desde 2014, como professor da Faculdade CAL de Artes Cênicas, formo atores e atrizes tendo especial interesse por práticas pedagógicas que se componham em afetação direta às condições materiais, imateriais e relacionais dos encontros. Movido por esse mesmo interesse, desde 2017, coordeno o Núcleo de Dramaturgia Firjan Sesi e, mais recentemente, em 2020, dei início a um plano pedagógico chamado Platô – Pesquisa e Produção. Nestes espaços e sempre confiando na autonomia crítica e criativa dxs participantes, compreendi que orientar um aluno ou uma aluna dizia respeito a cuidar da alegria como um ingrediente primordial em todo o percurso de orientação-criação. Alegria, para mim, é outro nome para abrigão de caminhos. Minha existência enquanto professor-orientador é movida por/ para abrir caminhos. Não é bem uma prática do saber, não somente. Antes, abrir caminhos seria uma prática da disponibilidade: um exercício que, mesmo atravessado por ignorâncias (minhas e dxs alunxs), estaria sempre apaixonado por aprender e trocar, por conhecer e conversar. O que faço então é isso: disponho-me a. Ao quê? Cada encontro dirá aquilo que ele deseja ser. Minha tarefa: proteger a alegria do jogo criador-criativo (seja o de uma cena ou monografia, de uma dramaturgia ou texto outro). Sei o quanto idealizações podem ser inibidoras. Isto não é um modelo. Não busco conjurar um modo eficaz e infalível de orientação. Mas penso que algo se conserva, um princípio talvez, um senso, uma disponibilidade sem a qual o próprio labor pedagógico se colocaria em perigo, pois ao virar um hábito ele também correria o risco de ser veículo para violências como a da autoridade disfarçada de saber.

Agora, finalizando meu processo de doutoramento, por necessidade, solicitei ao meu orientador comentários sobre meu exame de qualificação. Já havia sido aprovado, mas nem no dia do exame nem nos meses seguintes consegui que ele me dissesse algo sobre a pesquisa que venho fazendo há três anos e meio. Daí recebi uma resposta dizendo que em nosso próximo encontro ele diria algo. Dias depois, outro e-mail dizendo que ele havia pensado melhor e entendido que não era relevante comentar minha qualificação pois as professoras da banca foram muito generosas comigo. Não consegui respondê-lo, nem quis o encontro que viria. Escrevi um e-mail para a coordenação do meu programa solicitando uma reunião na qual informei não querer mais ser orientado por essa pessoa. Fui posto numa posição inaceitável: implorar por algum retorno daquele que deveria, na verdade, orientar a minha pesquisa.

Meu agora ex-orientador me disse que sempre acreditou que minha pesquisa fosse autoral. Ora, fazer uma pesquisa autoral faz de minha pesquisa algo obrigatoriamente indisponível às trocas e aos diálogos? Proteger a autoralidade de uma pesquisa jamais deveria ser confundido com instituir um regime de solidão ao aluno orientado. Há muitos eufemismos e/ou cinismos escondendo violências que, amparadas pelo regime do hábito, seguem anemizando as práticas pedagógicas.

Disse-nos Wittgenstein que sobre aquilo de que não se pode falar deve-se calar. Depois, Lacan sugeriu que sobre aquilo de que não se pode falar seria preciso bem falar; falar mais e melhor. Aqui estou, portanto, buscando bem falar sobre algo aparentemente instituído e já institucional; para falar mais e melhor sobre um determinado tipo de violência que se apodera dos ditos espaços de inteligência e liberdade.

Daí chegou um e-mail divulgando a chamada desta edição da revista Alter que clama por mais inteligência. Afundado em dilemas de orientação, apartado do prazer de minha pesquisa, pergunto: ora, mas inteligência para quê? Num contexto em que a tristeza ocupa a presidência do Brasil, penso que se eu pudesse fazer algo que não apenas escrever uma tese, se pudesse rasgar de algum modo um pouco desse manto silenciador que se deita sobre nós, alunxs, deveria então escrever algumas palavras sobre aquilo que, dizem, não devemos falar. Por isso escrevo, por acreditar que talvez não seja uma questão de mais inteligência, mas sim relativa aos usos que são feitos dela. O uso como uma ação que forma e deforma saberes e práticas. Talvez, uma tarefa urgente destinada à inteligência seja a de destronar esse vício nacional pela tristeza. Recuso-me, como artista, professor e pesquisador, a trabalhar envolvido em tristeza. Quero me dedicar aos encontros que não me induzam visões de mundo, que não menosprezem minha alegria, amizades que não teçam elogios como pretexto para se livrar da responsabilidade que é dialogar com o outro. Não sou amigo da tristeza e, neste momento, de fato, fujo consciente e desesperadamente das estatísticas

que informam que cerca de 39% dos candidatos a doutor sofrem de depressão.<sup>1</sup>

Vejo um doutorando que, por tanto cansaço, resolveu deixar para lá e concluir sua tese esvaziado de qualquer prazer pessoal. Ouço uma mestranda que, me contando sobre a terrível relação que teve com sua orientadora, tem a voz embargada e repete que é muito emudecimento, muito silenciamento. Vejo outro doutorando que achou prudente nada fazer pois teve medo de queimar seu filme e ter portas fechadas. Ouço um áudio de uma doutoranda relatando que no dia de sua defesa, ao menos, ficou evidente para toda a banca convidada que seu orientador não havia lido a sua tese. Converso com um amigo que me diz que seu orientador colocou uma aluna de pós-doutorado para orientá-lo, fazendo um trabalho que, no entanto, ele assina sem nunca ter feito. Isto que muitxs alunxs me relataram é inaceitável, já é um costume e, paradoxalmente, também produto de alguma inteligência. A mesma inteligência que desfila em publicações e seminários pregando a importância do saber e das humanidades, da educação, cultura etc. Talvez devêssemos colocar em protagonismo uma discussão sobre ética, pois sem um compromisso ético nenhuma inteligência estará livre de ser autoritária.

Vejo agora a quantidade de cadernos e livros rabiscados, de monografias e ensaios escritos, a quantidade de tempo e espaço investidos. Procuo por minha alegria, quero que ela escreva minha tese comigo, que esteja pousada sobre a mesa ou deitada em meu colo. Quero a alegria bem viva e rente ao meu corpo. Fecho os olhos, sinto que ela está voltando a mim após tantos volteios. Sei ironias mil, sou excessivamente um sátiro, mas trago em mim a calma como quem cultiva um coração. Não há nada como a calma. Não é bem o que falamos nem só aquilo que escutamos. Talvez o que fazemos seja quem realmente somos. Aquilo que fazemos ao outro. E o outro, eu me digo, o outro é sempre o mundo. Ouço meu coração. Neste momento, ele está sorrindo: respira lento, sem medo e é por ele que escrevo estas palavras. Com doçura e calma. Sempre com doçura e calma.

---

1. BARRECHEGUREN, Pablo. "O doutorado é prejudicial à saúde mental". El País Brasil, 26 de mar. de 2018. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/15/ciencia/1521113964\\_993420.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/15/ciencia/1521113964_993420.html)>. Acesso em: 24 de jul. de 2021.